

PEÇA DO BIMESTRE

VESTIDOS DE NOIVA maio | junho 2013



O ato de casar é vivido de modo diferente conforme a época, a origem geográfica, o grupo social, as crenças, o gênero, a idade dos nubentes, etc. Certeza porém que todos os casamentos obedecem a um código de normas e práticas profundamente ritualizadas e todos os detalhes têm significados muito próprios. A encenação do cortejo nupcial é disso um bom exemplo.

Minuciosamente descrito em manuais de etiqueta e boas maneiras, a maioria de autores estrangeiros, o protocolo nupcial era seguido à risca pelas classes mais elevadas da sociedade. No caso dos estratos mais baixos tratava-se simplesmente de um replicar da tradição, em que cada um sabia o papel que iria desempenhar.

Em tempos idos de Coruche, e se os noivos fossem do campo, estes dirigiam-se até à entrada da vila em carroças. O percurso até à igreja era feito, em cortejo, a pé.

Os relatos que nos chegam dessa época, embora com pequenas nuances, indicam que o cortejo nupcial era aberto pelos pais dos noivos, seguidos pela noiva, acompanhada pela madrinha, e o noivo logo atrás, ladeado pelos seus dois padrinhos. Os familiares e restantes convidados, chamado acompanhamento, encerravam o desfile.

A entrada da noiva na igreja pelo braço do pai, prática generalizada nos dias de hoje, bem como outros hábitos dos casamentos recentes, não é mais do que uma imitação do que acontecia no Norte da Europa, adotados no nosso país por se considerar mais chic.

O vestido exposto foi usado por Maria Emília Vieira no dia do seu casamento com Mariano Ferreira Candeias. Casaram na igreja da Misericórdia, em Coruche, no dia 28 de junho de 1953.

Doação ao Museu por Maria Emília Vieira.